



## POR UMA ETNOGRAFIA DO PRÓXIMO: RELIGIOSIDADE E IMAGINÁRIO ENTRE TRABALHADORES DA AVIAÇÃO BRASILEIRA

TOWARDS AN ETHNOGRAPHY OF THE NEXT: RELIGIOSITY AND  
IMAGINARY AMONG BRAZILIAN AVIATION WORKERS

HACIA UNA ETNOGRAFÍA DE LO PRÓXIMO: RELIGIOSIDAD E  
IMAGINARIO ENTRE LOS TRABAJADORES DE LA AVIACIÓN BRASILEÑA

*Madiana Valéria Rodrigues\**

### RESUMO

Este artigo discute as contribuições da teoria do Imaginário, de Gilbert Durand, para a compreensão da pluralidade e da multiplicidade de formas e lógicas da religiosidade e do sagrado no contexto específico da aviação. Primeiro, por compartilhar da valorização do Imaginário e do simbólico como fonte de conhecimento para a pesquisa antropológica. Segundo, entendo que uma antropologia do trabalho e dos trabalhadores deve ir além das análises utilitárias da cultura e dos aspectos considerados pela literatura como 'puramente' socioeconômicos e práticos. Deve, igualmente, evitar a pretensa determinação das amarras do capitalismo mundial (programas globais e desenvolvimentistas, liberais, neoliberais) como modelos explicativos para o empreendimento humano. Para tanto, o artigo irá se debruçar sobre as dimensões imagéticas dos objetos e da interação das pessoas imersas na dinâmica aeroviária. Ao qualificar a razão simbólica ou significativa do empreendimento humano, visó evidenciar que no universo capitalista e contemporâneo da aviação brasileira, os significados

\* Doutora em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco, fez Estágio Doutoral na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EEHSS/Paris), sob orientação do Antropólogo Marc Abélès. Professora Associada do Instituto de Antropologia da Universidade Federal de Roraima. E-mail: [madiana.almeida@ufr.br](mailto:madiana.almeida@ufr.br).



do sagrado e o sentido religioso estão presentes e incorporados na rotina do trabalho. Trata-se de uma etnografia de longa duração na qual me utilizo da mitocrítica enquanto metodologia analítica. A tese que defendo aqui é que os agentes históricos realizam por meio da pragmática de sua interação no trabalho, a função teofânica da imaginação simbólica, ou seja, a “epifania de um mistério” (Durand, 1988).

**Palavras-chave:** Voo; Sagrado; Vocação Transcendental; Função Fantástica do Imaginário; Mitocrítica.

## ABSTRACT

This article deal the contributions of the Imaginary theory, by Gilbert Durand, to the understanding of the plurality and multiplicity of forms and logics of religiosity and the sacred in the specific context of aviation. First, for sharing the appreciation of the Imaginary and the symbolic as a source of knowledge for anthropological research. Second, I understand that an anthropology of work and workers must go beyond utilitarian analyzes of culture and aspects considered by the literature as 'purely' socioeconomic and practical. It must also avoid the alleged determination of the ties of world capitalism (global and developmental, liberal, neoliberal programs) as explanatory models for human enterprise. To this end, the article will focus on the image dimensions of objects and the interaction of people immersed in the dynamics of aviation. By qualifying the symbolic or significant reason of the human enterprise, I aim to show that in the capitalist and contemporary universe of Brazilian aviation, the meanings of the sacred and the religious sense are present and incorporated in the work routine. It is a long-term ethnography in which I use myth criticism as an analytical methodology. The thesis I defend here is that historical agents perform, through the pragmatics of their interaction at work, the theophanic function of symbolic imagination, that is, the “epiphany of a mystery” (Durand, 1988).

**Keywords:** Flight, Sacred, Transcendent Vocation, Fantastic Function of the Imaginary, Mythology.

## 1 INTRODUÇÃO

“Haveria um interessante estudo a fazer sobre a mitologia aeronáutica que se desenvolve nas sociedades industrializadas: voo a vela, modelos reduzidos, pára-quedaismo parecem realmente exprimir a realização (défoulement) de um velho sonho de potência e pureza”.  
(Durand, 1997:133).

Busco entender, por meio de um estudo etnográfico, o universo da aviação civil no Brasil pela perspectiva teórica da teoria geral do imaginário. Para tanto, optei pelo método analítico da mitocrítica proposto por Gilbert Durand e as distintas combinações e níveis de análise que sua metodologia possibilita. Olhar este espaço social, técnico e tão quantitativamente mensurado, sob a perspectiva do Imaginário, pode parecer

paradoxal, sobretudo: “no momento em que homens põem o pé na lua, graças à proeza técnica triunfante, pretender permanecer no campo fora de moda dos devaneios” (DURAND, 1984:11). No entanto, foram os sonhos e o imaginar de diversos homens, conhecidos ou anônimos, que movimentaram os esforços na direção da construção de um objeto capaz de voar, apesar de mais pesado que o ar. No decurso da questão: O que significa trabalhar numa empresa de aviação? Desenvolvi uma pesquisa que alcançou um temático analítico que corresponde a um universo onírico e fantástico, que dentro de um olhar hermenêutico da religião, dilata os desejos primordiais e os anseios existenciais dos seres humanos, ou como disse Eliade (2002:61), do homo religiosus. A figura crística do objeto avião, o aspecto religioso e as teorias do Imaginário, portanto, convergem no espaço aeroviário com força e vigor.

A potencialidade do Imaginário de criar e recriar símbolos e a força destes sobre os grupos sociais é uma perspectiva que considero valiosa para compreender a multiplicidade de formas e lógicas da religiosidade e do sagrado no contexto específico da aviação.

A noção de religião pode assumir vários significados. No caso deste artigo, a religiosidade que busco explicitar é aquela vivida a partir do fascínio, de um desejo de numinosidade a partir da sublime capacidade de voar, da possibilidade de libertação do estranhamento do mundo físico e das obrigações mundanas, enfim, da “realização (défoulement) de um velho sonho de potência e pureza” (Durand, 1997:133).

O voo surge nesse universo como a vivência do sagrado, o desejo de abolir tempo e espaço e com isso, as contingências da vida terrena; e a capacidade de voar, uma teofonia. A característica específica, neste caso, não está apenas no domínio da crença, mas de uma prática pessoal e especial do transcendente possibilitada pela fé no voo enquanto função simbólica da manifestação divina e seus estímulos. O voo é arte, uno, contínuo, eterno, sagrado, indivisível, pleno...

Ao mesmo tempo, todas essas representações reunidas se inscrevem nas figuras do piloto e do objeto avião. O piloto ungido pelo manto do sagrado, representante de Deus na terra, e o avião – objeto consagrado – que possibilita o ritual litúrgico do voo,

ungido pela fé na técnica. Técnica essa possibilitada a seres especiais por inspiração divina.

Nas palavras dos entrevistados trata-se de um trabalho sacerdotal: “sentia que o avião fazia parte de algo cósmico, algo que estava muito forte dentro de mim, um dom e que eu tinha certeza que nasci para ele”. Possível apenas para escolhidos: “a aviação é, eu vou te dizer sinceramente é um estado de espírito da minha vida”. O voo os afasta de um convívio mais próximo com o mundo mundano, os afasta dos amigos e até da família, torna-se um grande desafio a ser superado, nas palavras deles: “O difícil é pilotar a solidão”. O voo, portanto, possui uma existência autônoma e sagrada, na qual sua materialidade é composta por um conjunto de regras de comportamento, onde o avião é absorvido pelo voo e não o contrário.

A tese que defendo aqui é que aeronautas e aeroviários realizam pelo trabalho a função teofânica da imaginação simbólica, nas palavras de Durand, a “epifania de um mistério” (Durand, 1988, capa). São alados, possuem asas. Eles dão sentido a própria vida por meio da teurgia que a aviação oferece. A ênfase teofânica, caudatária ao trabalho aeroviário se impõe nas práticas cotidianas. Vivem o raro privilégio de ascensão aos céus e dessa imagem desfrutam cotidianamente. Cotidiano composto de elementos rituais de passagem ao redor do voo. No entanto esses elementos não são estáticos, não correspondem a objetos que seriam encontrados, guardados no fundo de um baú, mas contém em si um dinamismo próprio que vem se opor à condição mortal do ser humano pelo ato de criação.

Nas fases rituais ao redor dos voos o confronto com a morte é inevitável. O espaço social do voo corresponde a coerente associação com a experiência da morte, pois “antes de poder passar a outro estágio, ele (o indivíduo) tem que primeiro se despir desse estágio em que ele está. Ele tem que acabar com a vida que levou até então. Em certos casos é quase uma morte” (Augras, 1984:37).

Os trabalhadores do universo da aviação ao aliar o céu com a terra dão forma e lugar a diferentes mitologias. Não há dúvida que os profissionais da aviação exerçam profissões prometeicas (possuem a marca titânica do fogo). É possível perceber que sob o império da razão científica o quanto o mito de Prometeu está atrelado à aviação. Ele emerge da reificação da ciência e da crença no desenvolvimento tecnológico como

conduzindo a humanidade a um final feliz, porém, Hermes (o Deus psicopombo, Hermes Trimegisto, Mercúrio) também tem seu lugar garantido, como veremos mais adiante.

O contato com o universo da aviação possui um longo trajeto. Em termos de campo de pesquisa ela se iniciou no mestrado, nos idos do ano 2000, seguiu pelo doutorado, até 2007, e mais recentemente, nos anos de 2018 e 2019, ocorreu um retorno ao campo em uma pesquisa de pós-doutorado. Trata-se, portanto, de uma etnografia de longa duração. Neste artigo, volto ao tema central da minha dissertação, que envolve a Teoria do Imaginário de Gilbert Durand e a utilização da mitocrítica enquanto metodologia analítica. Este artigo, no entanto, retoma a discussão com um olhar mais avançado sobre como o universo da aviação é constituído por um religiosismo atravessado por componentes ritualizados, carregado pela transcendência e pelo sagrado.

É preciso também dizer que, diferente de Clifford Geertz (1978)<sup>1</sup>, eu fazia parte da rinha. A minha ligação com a aviação se deu desde a infância. Parte da família esteve e está envolvida com a aviação até os dias de hoje. Como toda criança, encantava-me ao passar os finais de semana com meu pai no Aeroporto Santos Dumont, onde de sua sala, próxima à pista, podia observar o vai e vem das aeronaves, seus pousos e decolagens, além do esforço do grupo de trabalho fazendo cálculos com disciplina, dedicação e seriedade. Com dezoito anos já estagiava no aeroporto e depois de treze anos de trabalho, confeccionando passagens e navegações aéreas, passei de funcionária a pesquisadora. Havia convergências, mas também divergências. Quero dizer que neste artigo sou antropóloga e informante. Ao me desligar do trabalho da aviação iniciei minha pesquisa de outro lugar. Não precisei aprender o que eles fazem no trabalho, mas precisei sair de mim para compreender a interação das pessoas imersas na dinâmica aeroviária do ponto de vista dos estudos do Imaginário.

---

<sup>1</sup> Quando descreve como se sentia em sua pesquisa de campo em Bali, no capítulo 'Um Jogo Absorvente: Notas sobre a Briga de Galos Balinesa'.

## 2 O VOO ENQUANTO ENTIDADE E CATEGORIA NATIVA.

“Chega um momento em que algo muda e em que o que era impossível se torna possível (...). É a história de Ícaro. Evidentemente, no quadro A Queda de Ícaro, de Breughel, o camponês tinha razão em lavrar a terra sem se interessar pelo infeliz Ícaro que acreditava ser capaz de voar e que viria lamentavelmente a despenhar-se. Depois do aparecimento de numerosos Ícaros, (...) houve o primeiro avião e hoje temos o Boeing 747 em que todos viajamos, incluindo o próprio Ícaro. Não troceis demasiado dos Ícaros de espírito. Limitai-vos a ignorá-los, como o fez o camponês de Breughel. Eles gostariam de nos tirar da pré-história do espírito humano. A minha ideia de que estamos na pré-história do espírito humano é uma ideia muito optimista. Abre-nos o futuro se acaso a humanidade vier a ter um futuro” (Edgar Morin, s/d, p.27).

Gilbert Durand nos fala como certas imagens se tornam obsessivas por sua incrível força de “coerência sincrônica” que acontece no fio do discurso diacrônico. A partir do método da convergência proposto por Gilbert Durand e da análise da recorrência no total das entrevistas, o voo surgiu como o lugar que concentra, ao mesmo tempo, inúmeros elementos de sacralização e religiosidade. É preciso deixar claro que o voo e seus rituais não se restringem apenas aos momentos que acontecem no céu, mas, sobretudo nos rituais que em solo são engendrados em nome dele. O voo também pode ser entendido como sistema simbólico constituído de imagens que dão sentido à vida daqueles que dele participam cotidianamente. Além do piloto, mecânicos, despachantes de todas as partes, supervisores e gerentes são por ele afetados. Uma frase que se repetiu muito na pesquisa e que alguns acreditavam ser de autoria de Leonardo da Vinci, afirmava que, “Uma vez que você tenha experimentado voar, você andarà pela terra com seus olhos voltados para céu, pois lá você esteve e para lá você desejarà voltar”.

O voo foi identificado como uma entidade no sentido de possuir uma existência própria. O locus privilegiado para a construção de significados religiosos. É no espaço social do voo onde se reúnem todos os elementos na luta contra a morte. É ao redor do voo que a função fantástica do imaginário<sup>2</sup> é manifestada como *intellectus sanctus*,

---

<sup>2</sup> No universo da aviação as representações produzidas (para a procura de unidade e eternidade) são capazes de tolerar uma grande ambivalência, pois estão regidos por uma mitologia cíclica. Simbolizam, portanto, um drama. São, ao mesmo tempo, complementares e antagônicas e podem ser encontradas inclusive em propagandas veiculadas pelas empresas. Uma empresa aérea internacional que opera no Brasil afirma: Fazendo do céu o melhor lugar da terra.

como ordenança do ser às ordens do melhor (DURAND, 1997, p.432). Ela pode ser vista pelo domínio do tempo através da técnica, do redobramento e da inversão do valor da morte, e finalmente, da valorização e surgimento da inspiração divina que as possibilidades inusitadas que cada voo pode tomar. A função fantástica do imaginário, portanto, como transformação eufêmica do voo é desencadeada como atividade que transforma o mundo aeroviário em local religioso por excelência.

É por meio do voo que o mundo é visto e/ou imaginado do alto. Uma espécie de visão do paraíso perdido, um voo panorâmico, onde o homem pode apreciar o belo, o harmonioso, a paz interior, onde “os problemas desaparecem, ficam pequeninos, uma admiração do infinito, do sagrado, impossível de traduzir em palavras”. Por meio dele o poder da gulliverização e de gigantização se manifesta, “poder fundamental de conservar as imagens num lugar fora do tempo, onde a instantaneidade das deslocções é permitida, sem que o objeto envelheça ou mude” (DURAND, 1997, p.411).

A aviação é constituída por uma homogeneidade de um espaço ambivalente que permite a ambiguidade de representações imaginárias, fundamental para a eufemização e tão cara para a função fantástica. Segurança e liberdade<sup>3</sup> são aliados à preservação da vida, fiéis à missão de continuar a existir. E a missão da vida para Gilbert Durand é “<<retardar>> a queda de energia; por esta dilatação da morte, é anunciadora da liberdade” (grifos do autor, 1997:400).

O tema da liberdade, criador de um sentido e associado à transcendência, está acompanhado da topologia da verticalidade e dos schemes ascensionais. Mircea Eliade, em sua obra, “O Sagrado e O Profano”, verifica no vocabulário indiano como a imagem do voo representa uma experiência mística fundamental, que pode conter dupla significação: uma do “êxtase”, relacionada ao voo da alma e outra, no plano metafísico, associada à ruptura com um mundo condicionado:

“Na maior parte das religiões arcaicas, o <<voo>> significa o acesso a um modo de ser sobre-humano (= Deus, mágico, <<espírito>>), em última instância à liberdade de

---

<sup>3</sup> A análise dos relatos revela que apesar de toda a rigidez, controle, precisão e disciplina, exigidas pelas empresas aéreas aos seus funcionários, as obrigações realizadas são recompensadas pelo sentimento de liberdade e de segurança.

se mover à vontade, portanto uma apropriação da condição do <<espírito>>. Para o pensamento indiano, a Arhat que <<rompe o telhado da casa>> e voa pelos ares, ilustra de uma maneira imagética que ele transcendeu o Cosmos e acendeu a um modo de ser paradoxal, impensável até, o da liberdade absoluta” (grifos do autor) (Eliade, s/d, p.183/184).

O tema da liberdade torna-se um elemento do voo, compartilhado pelo grupo e encarnado em símbolos, tais como: o avião, a pista, a asa, a motorola<sup>4</sup>, a escala a cumprir, a figura de Ícaro e, muito provavelmente, tantos outros objetos e figuras iconográficas presentes no espaço social da aviação. É nesse espaço que o jogo de redundâncias sobre o tema da liberdade mostra-se fértil. A liberdade, portanto, sentida relaciona-se com a função fantástica do imaginário pelo poder de bloquear o fatal determinismo do destino. A intensa e imediata projeção de imagens percebidas permite mantê-los fora do tempo. Como diz Gilbert Durand (1997:400): “A liberdade é um repouso, luxo supremo que engana o destino. O valor situa-se na explosão do devir”.

Impressiona perceber que as convergências simbólicas sobre o tema da liberdade aproximam-se do mesmo sentido dado ao papel do símbolo para Durand (1998). Como segue:

“É então que se revela o papel profundo do símbolo: ele é a <<confirmação>> de um sentido para uma liberdade pessoal. É por isso que o símbolo não pode ser explicitado: a alquimia da transmutação simbólica só pode ser efetuada, em última instância, no cadinho de uma liberdade. E a força poética do símbolo define melhor a liberdade humana do que qualquer especulação filosófica: esta se obstina em ver, na liberdade, uma escolha objetiva, enquanto na experiência do símbolo sentimos que a liberdade é criadora de um sentido; ela é poética de uma transcendência no seio do assunto mais objetivo, mais engajado no evento concreto. Ela é o motor da simbólica. Ela é a Asa do Anjo\*” (grifos do autor, 1998, p.37).

---

<sup>4</sup> Aparelho de comunicação a distância.

\* É por isso que a iconografia e a própria etimologia de “alma”, para os gregos, fazem dela uma filha do ar e do vento. A alma é alada como a Vitória e, quando Delacroix pinta a sua Liberdade no topo de uma barricada, ou quando Rude esculpe no arco do triunfo, eles reencontram, espontaneamente, o êxtase da Vitória de Samotrácia. (Cf. nota rodapé, Durand, 1995:37)

Portanto, os significados do voo para as religiões arcaicas se assemelham aos significados observados nos recentes relatos sobre as sensações e experiências vividas pelos profissionais envolvidos com o voo. Transferindo para o universo pesquisado, o voo comercial, técnico e contemporâneo, continua associado à liberdade, à potência, à transcendência e à adesão a um modo de ser paradoxal no trabalho, impensável até, o da liberdade absoluta.

### **3 OS ELEMENTOS DO SAGRADO**

O voo se configura como um espaço onde a fronteira entre sagrado e profano se confundem. É o voo que reabilita o sentimento de heteronomia no trabalhador da aviação, ou seja, uma missão (sagrada ou sublime) de submissão a um princípio exterior estranho à razão. Peggy von Mayer Chaves (1999), após colocar em evidência alguns estudos sobre o mundo profano e o mundo sagrado, no Primer Coloquio Internacional sobre o tema Espacios Imaginarios, afirma que:

“Ahora bien, la frontera entre lo sagrado y lo profano se sitúa en el interior de cada hombre. Es ahí donde configura una imagen del universo, donde encuentra cabida y justificación su ser en el mundo. La experiencia de lo sagrado surge a partir de la objetivación de la percepción interior en el momento en que lo hierofánico se revela” (1999, p.119).

Durand, no decorrer de suas obras, afirma que quando o homem ocidental desconsidera as explicações do mundo dadas por entes ou seres sobrenaturais, e escolhe a ciência como fonte de explicação única para os fenômenos, ele está, de fato, transferindo os valores que orientavam a experiência religiosa para o campo des-sacralizado do homem contemporâneo. A mesma fé que permite ao homem religioso sua participação na realidade objetiva do mundo mediada pela experiência hierofânica, permite, também, ao homem contemporâneo, através da ciência (como elemento exterior à pessoa e ao grupo), viver num mundo real e eficiente, que dá sentido à sua vida particular. A ciência (ou em nome daquilo em que se acredita ser científico) é a lei à qual o homem deve submeter-se, assim como, para o homem religioso, “nada pode começar, nada se pode fazer, sem uma orientação prévia” (Mircea Eliade, s/d:36).

Como notou Durand, elevação e potência são sinônimas, e no caso específico da imagem do comandante, a associação não parece de forma alguma equivocada. O significado de potência suprema também estabelece conexão direta com o significado de “estar em cima”, com o céu. Nesse aspecto, a imagem do comandante é enriquecida pela imaginação de altitude e ascensão, proveniente do voo. A imagem do céu também é valorizada e percebida na intuição do piloto quando afirma: “Eu acho assim, eu, a minha concepção de céu, de infinito, está ligado a alguma, alguma força muito maior se é um Deus, uma divindade, e tal não sei qual, mas está ligado”. Assim como encaram como uma missão trabalhar em qualquer dia da semana, Ano Novo, Natal, não importa, afinal são eles os seres alados que levam importantes pessoas e coisas aos mais diversos lugares do planeta, com excelência e rapidez. Nesse sentido o trabalhador se encontra com o religioso porque encontrou uma causa que vale a pena gastar uma vida inteira.

A característica específica da religião experienciada por meio do voo é similar ao argumento de Tambiah (1990, p. 6), ao buscar caracterizar uma noção antropológica da religião a partir da qual o mundo contemporâneo está imerso. A característica específica da religião vivida pelos trabalhadores no universo da aviação comercial no Brasil por meio do voo não está no domínio da crença ou de sua explicação ‘racional’ sobre o funcionamento do universo, mas de uma consciência especial do transcendente e dos atos de comunicação simbólica que tentam realizar essa consciência e viver de acordo com seus estímulos.

O voo é um elemento do sagrado, pois funciona como elemento que seduz, manifesta-se pelo poder dado a alguns escolhidos e exerce fascínio. Certos elementos característicos do sagrado podem ser ressaltados: a condição não-humana, a vocação transcendental, a transformação individual, o sacrifício, a vestimenta especial, a relação obscuramente pressentida com algo desconhecido, a singularização da experiência em relação àquilo que a rodeia, a integração com o Todo, o mistério. A liberdade para estar em qualquer lugar se solidarizando e construindo senão o Reino de Deus, mas uma relação segura entre a solidez da terra com a abóboda do céu. Unem a natureza ao sagrado.

Jean-Jacques Wunenburger (1997:287), filósofo da imagem, no capítulo *Le sacré et le religieux*, demonstra que o sagrado tem função hierofânica e é carregado de força, de energia capaz de modificar a ordem das coisas do mundo visível. O sagrado coloca em relação dois planos do ser: um mundo visível e outro invisível. O mundo visível (profano - caracterizado pelas ações úteis, técnicas e funcionais da vida) e o mundo invisível (sagrado - duplicação do mundo visível, supra sensível). Os dois mundos são ambos objetivos, na medida em que participam do mundo espacial em que vive o homem.

É possível perceber, então, a ambivalência que a duplicação do mundo pode ter na representação humana. A ambivalência das representações imaginárias é exemplificada por Gilbert Durand quando ele comenta o significado funcional e sagrado que um objeto físico pode possuir em certas sociedades antigas. Neste caso, Durand chama atenção para o fato da representação humana funcionar sempre sob dois registros, e exemplifica:

“Para o primitivo, o poste central da habitação é ao mesmo tempo prancha de construção e também santuário dos espíritos ancestrais, e cada poste é o santuário. Assim se encontra verificada a ambivalência da representação do poste e a participação numa substância sagrada comum de objetos afastados no tempo ou no lugar geográfico” (1997:412).

De maneira similar, o avião participa do voo como substância sagrada. O avião é lugar sacralizado (onde as imagens transformam o mundo segundo os desejos humanos), pelo poder que tem de dar a vida ou de dar a morte para os que dele dependem, como podemos ver nas metáforas relacionadas à religião, a Deus, a dons espirituais: “Na minha maneira de ver, o avião, no meu trabalho é algo sagrado; Nesse aspecto do sagrado, pois toda a minha vida está lá”; “Olha, você sempre pode manter um padrão de serviço. E esse padrão seria realmente ligado a uma coisa divina, é a perfeição”; “Todo lugar do nosso trabalho é sagrado”.

O voo não pode ser manipulado de qualquer maneira e nem por qualquer pessoa. Tanto o mecânico, como o despachante e mesmo o comandante experienciam um contato perigoso e proibido, especialmente para quem não está preparado para fazê-lo. Os passageiros são aqueles que profanam esse espaço sagrado, pois não sabem o que fazem e apesar de “não saberem se comportar”, devem ser perdoados (mas

sempre contidos), mais pelo seu aspecto de desconhecimento do que pela relação de dependência econômica a que estão sujeitos.

Jean-Jacques Wunenburger (1997:289) afirma que a representação do sagrado depende, principalmente, da capacidade do homem de ligar, através da imaginação, aquilo que é do mundo físico com um outro mundo supra-sensível. Se o homem não tivesse essa capacidade, o mundo visível nunca poderia se apropriar de qualidades (imagens) que excedem o próprio objeto, as quais têm grande papel na vida prática. O grupo contemplado nesta pesquisa recorre a essa capacidade de ligar o mundo físico a qualidades que ultrapassam o objeto: “Cada um fez a sua parte, Deus deu o dom e cada um executou para aquele voo sair bem, aquele dom que Deus deu a um Santos Dumont da vida, como deu a tantas outras pessoas que envolve toda a aviação”. Trabalhar na aviação é vocação transcendental dada por Deus. Assim ocorre uma passagem das relações cotidianas horizontais para uma relação vertical com um plano transcendente. Na medida em que ascende da percepção material, até um esconderijo em aberto, o sagrado realiza-se (Wunenburger, 1997, p.289).

Na atividade aeroviária o voo é esse esconderijo em aberto. A função do sagrado está bem assegurada na passagem entre a experiência imediata, na direção do mediato (indireto), que eleva aquilo que está próximo. A vivência de integração e plenitude sai de um lado visível para outro invisível e permite a correspondência com a divindade, com a sacralidade, como podemos verificar abaixo:

“A aviação me deu como presente a chance de ver as coisas tão bonitas quanto os dois vulcões que estão no México. Vejo as cores reais do nascer e do pôr do sol. Principalmente no 767 em que a gente voa muito alto e vê o dia antes dos mortais que estão lá embaixo. Porque o dia chega prá mim, lá em cima, ele chega bem antes do que lá em baixo. Então, nesse momento eu me sinto um semideus, porque eu conheço a noite e o dia e sou eterno”.

Assim a vivência do profissional adquire uma nova dimensão, a da eternidade e transcendência, “já que o Eterno abole os valores linearmente quotidianos” (Durand, 1995:143). O voo e todas as suas etapas rituais, provoca uma ruptura no tempo profano, e instaura um tempo circular, reversível e recuperável, no qual tudo o mais que não se relacione com o voo perde a importância, para se inserir nas tarefas repetidas e vitais de um eterno presente.

Por fim, o voo apesar da consciência do risco que envolve, paradoxalmente, também surge como um lugar onde não existem problemas, uma chegada ao paraíso, uma nostalgia da intimidade onde o avião tem sua estrutura interna valorizada como lugar de abrigo, de refúgio. Importantes redundâncias do universo investigado foram às representações do sarcófago, da cabine e da sala como lugares de refúgio e proteção, de retorno ao ventre materno.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É possível perceber que a aviação favorece o contato misterioso com as coisas do mundo. A natureza da experiência é algo estranho e enigmático, mas, principalmente, é algo diverso da experiência mundana e familiar a todos. Nesse sentido, mesmo no homem inserido nas tarefas profanas do seu labor diário, observa-se que, “seja qual for o grau de des-sacralização do mundo a que tenha chegado, o homem que optou por uma vida profana não consegue abolir completamente o comportamento religioso” (Eliade, s/d:37). Neste aspecto, o voo vivido no labor diário, apesar de ter uma existência técnica, conserva traços de rituais religiosos e manifestações do sagrado. Aqui nos encontramos com a inversão do sentido negativo da morte e também com o numinoso da aviação como patamar para os valores de potência, pureza e liberdade, fundamental para a função simbólica.

Importante, ainda, relacionar o sagrado expresso pelas formas redondas encontradas no universo aéreo. Objetos de rituais litúrgicos como, hóstia, cálice etc., também possuem formato circular, como aponta Bachelard: “Essas imagens apagam o mundo e não têm passado. Não derivam de nenhuma experiência anterior” (BACHELARD, 1976, p.171, 172). Forma representativa do tempo infundável, marca a permanência como algo imutável, que ultrapassa a vontade e o controle do homem. O termo frequentemente utilizado, por aeronautas e aeroviários, para designar que todos os requisitos necessários para a execução de um voo foram preenchidos até o final de sua etapa é a palavra redondo. O voo é redondo. Nota-se também que a ubiqüidade do centro é consagrada ao voo.

Gaston Bachelard, ao analisar a fenomenologia do redondo, afirma:

“As imagens da redondeza plena nos ajudam a nos congregar em nós mesmos, a nos dar a nós mesmos uma primeira constituição, a afirmar nosso ser intimamente, pelo interior. Porque vivido a partir do interior, sem exterioridade, o ser não poderia deixar de ser redondo” (Bachelard, 1976:172).

É assim que o simbolismo do redondo vai ser reificado no universo da aviação, onde vários tipos de estrelas, rosáceas, círculos e todo tipo de simbolismo ligados ao scheme “girar”, vão se destacar sob o frutífero método da convergência. Existe um poder no arquétipo do ciclo e no seu emblema circular ou esférico que, segundo Gilbert Durand, preexiste à utilização técnica e utilitária. A simbologia do ciclo “revela-se como o arquétipo fundamental da vitória cíclica e ordenada, da lei triunfante sobre a aparência aberrante e movimentada do devir” (Durand, 1997, p.328).

É assim que o voo carrega na sua mobilidade um devir eternizado. Ao efetuar a comunicação com o céu, torna-se um centro que constitui a imagem exemplar da transcendência, num tempo dominado pelo ritmo e pela repetição. O voo buscando manter sempre sua redondeza não admite a desordem, a desunião. A repetição dos rituais é sagrada. De acordo com Gilbert Durand, “O círculo, onde quer que apareça, será sempre símbolo da totalidade temporal e do recomeço” (1997:323). Estamos no regime dramático do imaginário. Surge, portanto, o mito que irá incorporar a contradição: o mito de Hermes. O voo redondo representa, portanto, a totalidade simbólica, a soma das fases do voo.

Hermes, representando o produto do casamento alquímico, visto que foi costurado nas pernas do próprio pai (Zeus) de onde veio a nascer, mobiliza a imagem dessa totalidade. A consciência de ser um guia entre o mundo terrestre e o celeste faz parte do trabalho desses profissionais. É no esquema de Hermes, guia, condutor, psicopompo (guia das almas), que conduz a alma do passageiro pela mão, na busca de um centro, um ponto de encontro, que se realiza a dramatização dos antagonistas. É a tentativa de reconciliar a fase triunfante da decolagem e das preparações terrestres, a fase da viagem (voo de cruzeiro) e a fase do pouso, na medida em que tenta retirar da descida qualquer lembrança da queda.

A atitude religiosa, analisada através do discurso e da prática do grupo, compõe-se através das transformações cíclicas, de uma atitude de vir a ser contínuo, de repetição

ritmada e mediada pelo universo das imagens simbólicas dominantes encontradas. O tempo do voo (e a expressão é ruim, porque, justamente, neste momento, o tempo é abolido) também é cíclico, como nas liturgias. Esses traços comuns traduzem, como nos rituais iniciáticos, uma regeneração periódica do tempo, eliminando do destino a fatalidade. O universo simbólico descrito alterna as imagens da luz (dominantes) e das trevas (dominadas), com a função de vencer o temor e a angústia diante do Tempo. E, como já foi dito, alinham os desígnios do céu contra o peso dos impulsos e compulsões humanas. O ar carrega em si o seu contrário. A terra e o voo exigem uma participação dinâmica da imaginação ligada aos valores da vida. Como disse Bachelard, em *O Ar e os Sonhos*, “Subir ou descer - o ar e a terra - estarão sempre associados aos valores vitais, à expressão da vida, à própria vida” (1990:270). A fidelidade e a disciplina, valores constantes para se manter vivos.

A perfeição é aquilo que se espera desses profissionais. Não pode haver falhas. Como disse antes, um grupo que tem no seu cotidiano a aproximação constante entre vida e morte, termina por produzir em nossas consciências o incômodo de pensar que viver é morrer aos poucos, mas que da mesma forma como na metáfora na qual toda ascensão nos remete a uma queda, podemos, também, pensar que estar vivo é essa luta constante pela vida, é estar a cada dia, ou a cada voo, renascendo, vencendo o desafio da morte. Afinal, para a aviação, a perfeição é regra, e regra sagrada!

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Danielle Perin Rocha Pitta, eterna orientadora, amiga e estimuladora dos caminhos do Imaginário.

## **REFERÊNCIAS**

AUGRAS, Monique Passagem:morte e renascimento, in *O imaginário e a simbologia da passagem*, Danielle Rocha Pitta (org.), Recife: Ed. Massangana, 1984.

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1976.

BACHELARD, Gaston. *O Ar e os Sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria* São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BACHELARD, Gaston. *A Terra e os Devaneios da Vontade: Ensaio sobre as imagens da intimidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

- CHAVES, Peggy Von. Lo sagrado: espacio de confluencia entre lo real y lo imaginario. In: Espacios Imaginarios. Colección Jornadas, México: Facultad de Filosofía y Letras, 1999.
- DURAND, Gilbert. As Estruturas Antropológicas do Imaginário. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- DURAND, Gilbert. A fé do sapateiro. Brasília: Universidade de Brasília, 1995.
- DURAND, Gilbert. A Imaginação Simbólica. São Paulo: Cultrix, 1988.
- ELIADE, Mircea. Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- ELIADE, Mircea. O Sagrado e O Profano. Lisboa: Livros do Brasil Lisboa, s/d.
- ELIADE, Mircea. A Imaginação Simbólica. São Paulo: Cultrix, 1988.
- GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MORIN, Edgar (s/d). Introdução ao Pensamento Complexo. 2ª Edição, Lisboa: Instituto Piaget, s/d.
- TAMBIAH, Stanley. J. Magic, science, Religion and the Scope of Rationality. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- WUNENBURGER, Jean-Jacques. Philosophie des images. Paris: Universitaires de France, 1997.